



Informativo FITOTERAPIA PARA TODOS

SIPLAM - PET-Farmácia - NEPHF-UFPB - ANO 2013 - EDIÇÃO I - Atualizado em 2019

CONFIRA NESTA EDIÇÃO

Fitoterapia no SUS.....	02
Principais cuidados com as Plantas Medicinais	04
Planta em foco: <i>Aloe vera</i> L. ..	05

EDITORIAL

DIREÇÃO EDITORIAL

Profa. Leônia Maria Batista

REVISOR

Prof. Climério Avelino de Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO

Dyego Carlos S. A. de Araújo

ATUALIZAÇÃO

Luís Eduardo Oliveira da Silva

MEMBROS - SIPLAM

Leônia Maria Batista
Alzira Eliza Dantas Maia
Climério Avelino de Figueiredo
Rinalda Araújo Guerra de Oliveira
Horacina M^a de Medeiros Cavalcant
Camila Gonçalves da Silva
Dyego Carlos S. Anacleto de Araújo
Abymaelson J. Nóbrega de Lima
Rafaelly Oliveira da Silva
Géssica Teixeira da Silva
Thiago Ferreira Sarmento
Maira Ludna Duarte
Luan Caio Andrade de Moraes
Mayara Maciel do Nascimento
César Alves Carneiro
Alanna Lyvia S. da Silva
Daiane Farias da Silva
Lays Cristina dos Anjos Leie

INFORMAÇÕES

E-mail: siplampmf@gmail.com



Campus Universitário I
Cidade Universitária
João Pessoa-PB
CEP - 58.051-900



Fone: (83) 3216-7844

CARTA AO LEITOR

Caros Leitores,

Esta é a primeira edição do Informativo "*Fitoterapia para Todos*", um espaço de divulgação de informações a cerca do uso de plantas medicinais, como parte das atividades desenvolvidas no projeto "Fitoterapia para todos: uma abordagem multidisciplinar". Este informativo é o produto da colaboração de diversos professores e extensionistas do curso de Farmácia que integram o Serviço de Informação em Plantas medicinais e Medicamentos Fitoterápicos – SIPLAM, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba.

Este informativo tem como objetivo dá um suporte aos profissionais de saúde que fazem parte da Estratégia Saúde da Família e usuários em geral sobre o uso da Fitoterapia como prática terapêutica de caráter complementar.

Por meio das informações aqui veiculadas, espera-se subsidia o conhecimento dos que fazem uso de plantas medicinais, no seu dia a dia. É crescente o número de pessoas que utilizam plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos para tratar suas doenças e seus sintomas, com base em informações da família, por indicação de parentes e vizinhos ou por prescrições ou indicações de profissionais de saúde. Entretanto, seja qual for a situação, é preciso que se tenha informações corretas sobre o uso. O entendimento de que a planta por ser natural não faz mal é incorreto, pois seu uso de forma inadequada pode provocar danos à saúde de quem a usa.

Devido à crescente procura da população por meios naturais para o tratamento de suas doenças, torna-se cada vez mais necessário voltar às raízes do saber popular. A investigação científica, aliada ao estudo apurado sobre o uso das plantas e suas indicações, proporciona à comunidade uma opção segura, acessível e eficaz para a cura de suas enfermidades. Entretanto, a fitoterapia não representa apenas uma rica fonte para estudos científicos, ela é uma demanda comunitária que demonstra potencial de mobilização e organização social, contribuindo para conscientização e empoderamento de informações sobre o processo de saúde-doença. Assim, o Informativo *Fitoterapia para Todos* surge com o propósito de disponibilizar para a população em geral, uma melhor orientação dessa prática terapêutica milenar, de forma a contribuir com a implantação da Política de Fitoterápicos no SUS e, conseqüentemente, com a melhoria da qualidade de vida da população.

Aguardem as próximas edições.

Profa. Leônia Maria Batista
Coordenadora do SIPLAM
Tutora do PET-Farmácia



FITOTERAPIA NO SUS

Estamos vivendo em um momento marcado por um amplo interesse nas terapêuticas naturais, entre as quais a Fitoterapia, tendo em vista que ela busca a cura ou a prevenção das doenças, quando usada de forma correta. Mesmo sendo um fenômeno mundial, no Brasil, ele tem características próprias devido à riqueza de nossa flora, a extensão de nosso território e a tradição do uso de plantas medicinais (1) A Paraíba tem uma posição singular neste cenário, tendo em vista que foi um dos locais onde primeiro se manifestou esta tendência de crescimento e por termos o ensino de Fitoterapia nos cursos de saúde da UFPB, desde o ano de 1994.



Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990, estabeleceu-se a universalização do atendimento e a sua integralidade. Como consequência, passou-se a valorizar as múltiplas formas de tratamento. Dentro deste novo enfoque, a Fitoterapia ganhou muitos adeptos entre os profissionais de saúde, os gestores e os usuários do SUS(2). Entretanto, tem sido observada, na nossa prática diária, uma crescente insatisfação da população com o medicamento sintético, ainda uma terapêutica hegemônica, nos dias atuais devido aos efeitos adversos que eles provocam, ao seu alto custo e a falta de acesso da população aos serviços de saúde. Como consequência deste crescimento, muitos usuários do sistema público e privado de saúde buscam novas terapêuticas para tratar suas doenças, entre elas a Fitoterapia, o que tem levado ao aumento do número de profissionais de saúde interessados no seu estudo e na sua prática (1)



Atualmente, a atenção básica no SUS é feita principalmente por meio das equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) que atendem nas Unidades de Saúde da Família (USF). Estas unidades estão situadas nas próprias comunidades. As situações de adoecimento atendidas pelas equipes da ESF, na sua maioria, podem ser tratadas com a Fitoterapia. Disto resulta a importância de que a Fitoterapia seja

incrementada no Sistema Único de Saúde (SUS).

Em 1988, portanto antes da criação do SUS, a Resolução Nº. 08/88 da Comissão Interinstitucional de Planejamento e Coordenação (CIPLAN) disciplinou a implantação da Fitoterapia nos serviços de saúde. Contudo, a mera existência da lei não foi capaz de levar este objetivo a termo. Mas, apesar das dificuldades, a Fitoterapia e outras medicinas naturais e práticas complementares cresceram bastante.

Como reflexo deste crescimento, em 03 de maio de 2006, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria 971, criou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) para o Sistema Único de Saúde. Num primeiro momento, foram incluídos nesta política a Fitoterapia, a Homeopatia, a Medicina Tradicional Chinesa (Acupuntura), o Termalismo/Crenoterapia e a Medicina Antroposófica.

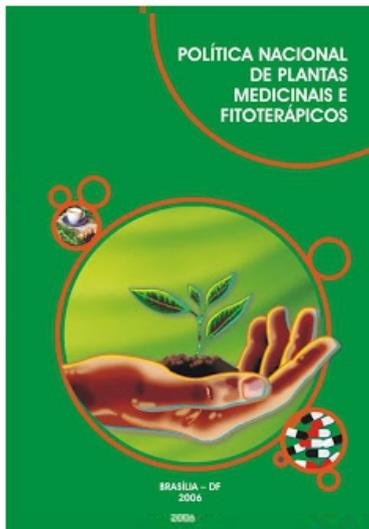


A criação desta política foi muito importante já que ela estabelece diretrizes e medidas para a implantação e o desenvolvimento das práticas que ela contempla. Na área da Fitoterapia as diretrizes são: 1-Elaboração da Relação Nacional de Plantas Medicinais e da Relação Nacional de Fitoterápicos; 2- Provimento do acesso às plantas medicinais e a fitoterápicos aos usuários do SUS; 3- Formação e educação permanente dos profissionais de saúde em plantas medicinais e Fitoterapia; 4- Acompanhamento e avaliação da inserção e implementação das plantas medicinais e Fitoterapia no SUS; 5-Fortalecimento e ampliação da participação popular e do controle social;6-Estabelecimento de política de financiamento para o desenvolvimento de ações voltadas à implantação das plantas medicinais e da Fitoterapia no SUS; 7- Incentivo à pesquisa e desenvolvimento de plantas medicinais e de fitoterápicos, priorizando a biodiversidade do País; 8- Promoção do uso racional de plantas medicinais e dos fitoterápicos no SUS; 9- Garantia do monitoramento da qualidade dos fitoterápicos pelo sistema Nacional de Vigilância Sanitária.



No sentido de operacionalizar esta política, a Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde publicou a Portaria Nº. 853, em 17/11/2007 que faz a inclusão das práticas contidas na Portaria 971 na tabela de serviços/classificações do Sistema Nacional de Estabelecimentos de Saúde (SCNES), com o código 068. Esta portaria estabelece os profissionais que pode exercer no SUS as práticas que fazem parte da PNPIC.

Além disto, foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, pelo Decreto da Presidência, Nº. 5813, de 22 de junho de 2006. Para operacionalizar esta política a Portaria Interministerial 2 960, de 09 de dezembro de 2008, criou o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que dentre outras coisas se propõe a construir e/ou aperfeiçoar marco regulatório em todas as etapas da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos; inserir a fitoterapia e serviços relacionados no SUS; desenvolver instrumentos de fomento à pesquisa, desenvolvimento de tecnologias e inovações nessa área, e a promoção do uso sustentável da biodiversidade local.



Em fevereiro de 2009, foi publicada a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do SUS (RENISUS), que consta de 71 espécies vegetais de interesse do SUS muitas delas já com estudos comprovados (propriedades medicinais e também sobre a segurança de uso), porém outras espécies necessitam de estudos mais apurados. A RENISUS é uma etapa para a criação da RENAPLAN (Relação Nacional de Plantas Medicinais) e da RENAFITO (Relação Nacional de fitoterápicos). Além disto, ela incentiva e orienta a prescrição de plantas medicinais e de fitoterápicos no SUS, os estudos e as pesquisas sobre estas plantas, o seu ensino nas universidades e a disseminação de seu cultivo.



Em 2011, foi publicada a 1ª edição do formulário de Fitoterápicos, como parte integrante da Farmacopeia Brasileira e nele constam 45 monografias de drogas vegetais para diversas formas de preparações farmacêuticas subsidiando as prescrições fitoterápicas.

No intuito de fomentar o emprego da fitoterapia como prática terapêutica, foi publicado o Memento de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, no ano de 2016, como um documento para consulta rápida por profissionais prescritores. Esse memento busca orientar a prescrição de plantas medicinais e fitoterápicos, disponibilizando 28 monografias com conteúdos baseados em evidências científicas que poderão ajudar na conduta terapêutica de profissionais prescritores.



No ano de 2018 foi publicado o Primeiro Suplemento do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira. O texto revisa e adiciona informações no capítulo de generalidades e no de tinturas. Além disso, houve a adição do capítulo de cápsulas com derivados vegetais e de 23 novas monografias.

Em função da perspectiva de incremento da Fitoterapia no SUS, as universidades brasileiras estão diante do desafio de introduzir ou incrementar o seu ensino nos cursos de graduação, estimular linhas de pesquisa com plantas medicinais, além de tornar viável muitos projetos de extensão com essa abordagem.



No entanto, muitas dificuldades precisam ser superadas, como: o desconhecimento e/ou o descrédito de alguns profissionais de saúde e gestores; o número insuficiente de profissionais com conhecimento em Fitoterapia; a deficiência do ensino da Fitoterapia na graduação e na especialização; o desconhecimento da população sobre a Fitoterapia ou o seu conhecimento deturpado, etc.

Referências

- 1-FIGUEREDO, C.A. Apostila de Fitoterapia- Material instrucional de Fitoterapia utilizado nos cursos de graduação da área de saúde, UFPB, 2013.
- 2-BATISTA, L.M.; VALENÇA, A. M. G. A Fitoterapia no Âmbito da Atenção Básica no SUS: Realidades e Perspectivas Pesq Bras Odontoped Clin Integr, João Pessoa, 2(2):293-96, 2012
- 3-BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília, 2006.
- 4-BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto n. 5.813, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Brasília, 2006.

PRINCIPAIS CUIDADOS COM AS PLANTAS MEDICINAIS

SABER ONDE COLETAR

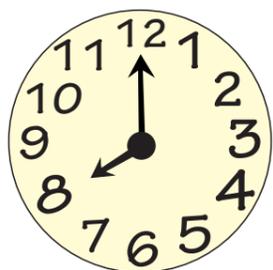


Não colete plantas nas beiras de rios, córregos poluídos, esgotos, nem das margens das estradas, porque geralmente estão contaminadas por fumaça dos carros, pesticidas, etc. O melhor é desenvolver horta comunitária de plantas medicinais e aí cultivar as plantas básicas de cada área.

SABER COMO COLETAR

Quando for coletar folhas de uma planta, não retire todas as folhas de um galho, despreze as folhas que apresentem furadas por insetos, mofadas ou com outras contaminações, as cascas devem ser retiradas em pequenos pedaços e apenas de um dos lados da planta.

SABER QUANDO COLETAR

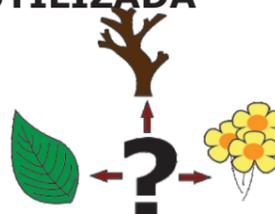


As melhores horas para efetuar a coleta são as da manhã, logo após a total secagem do orvalho, e as horas do fim da tarde em dias ensolarados.

SABER COMO SECAR E CONSERVAR

Flores e folhas devem ser colocadas à sombra para secar em local ventilado, limpo e em camadas finas, para evitar que somente as de cima fiquem secas. As cascas devem ser lavadas com água corrente ligeiramente raspadas para retirar a superfície impregnada de poeira, lodo ou insetos e depois devem ser colocadas ao sol para secar. As raízes devem ser lavadas e colocadas para secar. As sementes devem ser colhidas de frutos maduros e saudáveis, limpos por peneiração ou lavagem e secas ao sol.

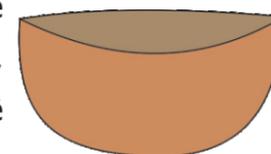
SABER A PARTE DA PLANTA A SER UTILIZADA



É preciso conhecer a planta e saber quais as partes que são utilizadas: raiz, entrecasca, folhas, planta inteira, frutos e sementes.

SABER COMO PREPARAR

Evite o uso de vasilhas de ferro, alumínio, cobre ou plástico, dê preferência a vasilhas de vidro, porcelana ou barro.



É importante também saber a quantidade da planta a usar no preparo.

SABER COMO USAR



Esteja atento da hora de usar as plantas, observando se a indicação é para uso interno (ingestão), ou externo (uso local).

SABER QUANDO USAR

É importante saber quanto se deve tomar de um remédio à base de plantas. Não se pode abusar da dosagem.

SABER A TOXICIDADE DA PLANTA



Uma planta pode ser ora medicinal, ora tóxica dependendo de quem toma, de quanto toma, e como toma. As crianças e os idosos são mais susceptíveis à intoxicação e deve-se evitar chás durante a gestação.

SABER IDENTIFICAR

Muito cuidado quando se indica uma planta ou se passa uma receita num livro onde não há o desenho ou o nome em latim, isto porque, pode haver uma grande confusão, pois o nome popular varia de um lugar para outro.

PLANTA EM FOCO: *Aloe vera* L.



(FERNANDO C. VIANA)

BABOSA (*Aloe vera* L.)

NOME CIENTÍFICO

Aloe vera (L.) Burn. f. **Sin.:** *Aloe barbadensis* Mill., *Aloe perfoliata* var. *vera* L.

FAMÍLIA

Liliaceae

NOME POPULAR

Aloé, babosa, babosa-grande, babosa-medicinal, erva-de-azebre, caraguatá, caraguatá-de-jardim, erva-barbosa, aloé-do-cabo¹.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Planta herbácea, com folhas grossas, carnosas e suculentas, dispostas em rosetas presas a um caule muito curto, que quando cortadas deixam escoar um suco viscoso, amarelado e muito amargo. É uma espécie cultivada para fins medicinais e cosméticos¹.

ATIVIDADE FARMACOLÓGICA

Na Dermocosmética é utilizada devido a sua atividade cicatrizante e emoliente (causa maciez dos tecidos) além da atividade imunoestimulante (polissacarídeos do gel)³. Facilita o fluxo sanguíneo da pele (porque promove a inibição da tromboxano sintetase e pela formação de tromboxano A₂, um

vasoconstrictor)².

O aloe apresenta também atividade laxativa devido às antraquinonas (não sendo recomendado esse uso)⁴ além de atividade antimicrobiana sobre bactérias e fungos¹.

CONSTITUINTES QUÍMICOS

Encontra-se no látex ou folha da Aloe derivados antracênicos, principalmente na forma de heterosídeos, como por exemplo, barbalóina (20%), Beta-barbalóina, e isobarbalóina, que por hidrólise geram aloe-emodinas e os seus glicosídeos: aloinósidos A e B e aloína existindo também a aglicona livre, conhecida como aloe-emodina (aloemodol). Em menor medida se encontra o ácido crisofânico. A resina da planta (16 - 30%) é constituída por ácido cinâmico em combinação com resinotanoles. Outros constituintes do látex da Aloe são: aloesona, aloetina, emodina, ácido urônico, enzimas (amilase, catalase, oxidase), óleos voláteis, gomas, flavanonas, etc. Não se encontram taninos, pectinas, vitaminas, fenóis ou alcaloides³.

No gel obtido a partir da polpa em estado natural encontram-se: polissacarídeos mucilaginosos, destacando-se os glucomananos e mananos. O acemanan seria o principal componente carboidrato. Em menor medida se encontra o polissacarídeo de alto peso molecular aloérido, constituído por glicose, manose e arabinose. Encontram-se também água, ácidos graxos, proteínas, glicoproteínas, ácidos orgânicos, enzimas, oxalato de cálcio, esqualeno, saponinas, germânio, casantranol I e II, penta-hidroxi-flavonas, hidroxicromonas, ácido salicílico, saponinas esteroidais, etc³.

PARTE UTILIZADA

Folhas (Sumo mucilaginoso de suas folhas ou gel interno da folha)^{1,4}.

MODO DE USAR

Como cicatrizante (em casos de queimaduras e ferimentos na pele) deve-se

realizar aplicação local do sumo fresco, ou do gel localizado abaixo da casca^{1, 5};

No caso de hemorroidas, retira-se a parte externa da folha e corta-se o gel interno em forma de supositório, deixa-se no congelador a fim de adquirir consistência endurecida^{1, 5};

Nas contusões, entorses e dores reumáticas: emprega-se a alcoolatura preparada pela mistura de pequenos pedaços das folhas (50g) com meio litro de uma mistura de álcool e água e filtrada através de um pano (gaze). Essa mistura pode ser aplicada na forma de compressas e massagem nas partes doloridas^{1, 5}.

POSOLOGIA

Em casos de contusões e dores reumáticas recomenda-se a aplicação no local duas vezes por dia. Para efeito cicatrizante e combate à queimaduras cobre-se todo o local, renovando 1 vez por dia. E em casos de hemorroidas recomenda-se aplicar o supositório a cada 4 horas⁵.

VIA DE ADMINISTRAÇÃO

Tópica (sobre a pele) ou retal (na forma de supositório)⁵.

INDICAÇÕES

O gel da babosa é usado topicamente para auxiliar na cicatrização de pequenos ferimentos e queimaduras, incluindo queimaduras solares. Também é utilizado em casos de hemorroidas, psoríase, coceiras, eczemas, erisipela e em vários produtos cosméticos como hidratantes^{6, 7}.

PRECAUÇÕES

O uso interno da Aloe vera é contraindicado, pois a mesma possui compostos antraquinônicos que são responsáveis por efeito purgativo, com intensa perda de minerais essenciais (especialmente o potássio) e em algumas pessoas podem afetar os rins, resultando em grave crise de nefrite aguda^{1, 8}.

TOXICIDADE

O efeito tóxico da babosa pode ser devido à presença de antraquinonas, como a aloína. Essas

podem causar irritações na pele, eritemas, alta proliferação celular⁸.

INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

Nenhuma interação entre a babosa e alimentos foi encontrada⁶.

O suco da Babosa reduz os níveis séricos de glicose em pacientes diabéticos que fazem uso da Glibenclamida (mecanismo desconhecido)⁶.

Nenhuma interação entre a Babosa e Medicamentos Fitoterápicos foi encontrada⁶.

A babosa pode retardar e aumentar a absorção da vitamina C e da Vitamina E⁶.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

¹ LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.

² PHILP, R. B. Herbal-drug interactions and adverse effects: An evidence-based quick reference guide, 1st ed. USA: McGraw-Hill Companies, 2004.

³ ALONSO, J. Tratado de fitofármacos y nutracéuticos. Argentina, Rosário. 1ª edição, editora Corpus Libros, 2004.

⁴ SCHULZ, V., HANSEL, R., TYLER, V. E. Fitoterapia Racional - Um Guia De Fitoterapia para as Ciências da Saúde - 4ª Edição. Baurueri-SP: Manole, 2002.

⁵ DINIZ, M. F. F. M. et al. Memento Fitoterápico: as plantas como alternativa terapêutica: aspectos populares e científicos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

⁶ WILLIAMSON, E.; DRIVER, S.; BAXTER, K. Interações medicamentosas de Stockley: Plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

⁷ TESKE, M. TRETINI, M. M. A. Herbarium: Compêndio de Fitoterapia. Herbarium Laboratório Botânico, 4ª edição revisada. Curitiba, 2001.

⁸ DINIZ, M. F. F. M. et al. Memento de plantas medicinais: as plantas como alternativa terapêutica: aspectos populares e científicos. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2006.